



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DE CONCEITOS E PRÁTICAS EM UM LIVRO DIDÁTICO

Flávia Meira dos Santos; Mayrla Ferreira da Silva; José Marcos Rosendo de Souza; Izaías Serafim de Lima Neto; Jorrana Ferreira de Melo

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: flavinhaasantos20@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: mayrlaf.silva2@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: rmarcos6@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: izaiaasserafimneto@outlook.com

Universidade Estadual da Paraíba – jorrana.mello@hotmail.com

RESUMO: Graças aos novos estudos, como a linguística, na área do ensino notou-se que apenas alfabetizar não basta para formar sujeitos críticos, visto que no Brasil há grandes índices de analfabetismo funcional. Assim, as novas abordagens de formação se distanciam do modo mecânico pelo qual os alunos apenas aprendem, a exemplo o letramento, pelo qual aprender a leitura e a escrita por si só não basta, é necessário que os alunos se utilizem dessas habilidades como práticas sociais. Partindo dessas ideias como essenciais para formação de sujeitos críticos, inovaram-se os métodos e ferramentas de ensino, a principal delas, o livro didático, que foi adaptado, também, a isso. Esse elemento de certa importância para alfabetização adequou-se as práticas de letramento. Partindo dos pressupostos citados acima e com base em Kleiman (2008), Soares (2010) e outros, questionamos: como o letramento e a alfabetização são trabalhados no livro didático, *A escola é nossa*, do 2º ano, da autora Marcia Paganini Cavéquia? Este trabalho tem como objetivo identificar no livro didático as práticas de letramento e alfabetização, com intuito de percebermos suas abordagens, se são trabalhados em harmonia ou não. Nossa pesquisa consiste em um estudo dos referenciais teóricos citados acima, e numa pesquisa documental tendo em vista a análise qualitativa dos recortes que foram retirados do livro didático infantil. Assim, esperamos que o presente trabalho contribua, de forma mais ampla, para os estudos já existentes acerca do termo letramento e para entendermos como letramento e alfabetização são trabalhados em conjunto na formação do aluno.

Palavras-chave: Letramento, alfabetização, livro didático.

INTRODUÇÃO

O termo alfabetização é conhecido pela escola brasileira desde os tempos da colonização, ao contrário de letramento que é uma expressão recém-chegada aos estudos da língua no Brasil. Esse novo termo surgiu com a mudança do estudo da língua, no momento que ela deixa de ser vista



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como código e passa a ser vista como local de interação. Nessa visão interacionista, a alfabetização perdeu sua função primal de aproximação do indivíduo com o código linguístico, assim, necessitou-se de um novo fenômeno que complementasse tal atividade, desse modo surgiu o letramento. Não que ele não existisse, mas talvez não tivesse sido percebido antes, porque sobre a língua só era interessante estudar o código, assim deixando de fora todo o contexto, que de certa forma influencia no letramento. Objetivamos com esse trabalho identificar no livro didático as práticas de letramento e alfabetização, com intuito de percebermos suas abordagens, no livro didático do 2º ano *A escola é nossa* da autora Marcia Paganini Cavéquia. Então, essa perspectiva de mudança nos impulsionou a identificarmos no livro didático, tendo em vista que torna-se uma das principais ferramentas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem.

METODOLOGIA

Baseando-nos principalmente em Kleiman (2008), Soares (2010) e na análise qualitativa de alguns recortes tirados do livro didático infantil, nossa pesquisa caracteriza-se, então, como de revisão bibliográfica, ou seja, pesquisa que faz uso de referenciais teóricos em materiais prontos como, por exemplo, livros, revistas, periódicos e etc. Tal pesquisa é justificável, pois irá contribuir para o entendimento acerca do termo letramento, para diferenciá-lo da alfabetização, e por fim para que percebamos como essas duas modalidades de ensino estão presentes na escolarização infantil.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

No contexto escolar, o letramento e a alfabetização são duas abordagens de ensino diferentes, porém com várias características em comum, as quais podemos distinguir da seguinte forma: *Alfabetizar* segundo o *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, citado por Soares (2010), é ensinar a ler e a escrever e, portanto *Alfabetizado* é o estado ou condição daquele que sabe ler e escrever.

Percebemos que, se há um conceito para pessoas que possuem tais habilidades, haverá também para aqueles que não possuem: são os *Analfabetos*, pessoas que não dominam essas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“tecnologias”, assim *Analfabetismo* seria o estado de quem não sabe ler ou escrever. Em relação ao termo *letrado*, no mesmo dicionário há a definição que é “aquele versado em letras, erudito” e *iletrado* é “aquele que não tem conhecimentos literários”, que é analfabeto funcional ou totalmente.

Anterior às teorias linguísticas, letramento tinha sentido arcaico e vinha do verbo *letrar* que tinha significado parecido com o de soletrar. Ainda conforme Soares (2010) a palavra letramento atualmente advém do verbo *literacy*, pertencente à língua inglesa. Assim, a autora afirma que:

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *litera* (letra), com sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser [...] ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2010, p. 17, grifo do autor).

Implicitamente, essa palavra denota que a escrita trará consequências para o indivíduo que a utiliza no seu contexto social, isto é, uma pessoa letrada muda constantemente sua visão à medida que domina a competência leitora e consequentemente da escrita. A esse respeito Soares (2010) afirma que individualmente, alfabetizar-se altera seu estado ou condição em múltiplos aspectos, principalmente o social, e socialmente o impacto dessa alteração da condição inicial do sujeito, é o que a autora compreende por *literacy*.

Em outras palavras, esse é o sentido que a palavra letramento carrega nos tempos modernos, já que ela foi traduzida ao “pé da letra” para o idioma brasileiro. Definindo proficuamente: *Letramento* é o estado ou a condição do sujeito que se altera, cotidianamente, em decorrência de práticas de leitura e escrita significativas. O que acarreta uma intervenção social, e sobre isso, Soares (2010, p. 37) afirma que: “tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada”. Definido os conceitos, apresentemos as peculiaridades pertinentes a cada termo.

Uma das semelhanças entre essas práticas, é que os dois tem como objetos de estudos a leitura e a escrita, e contrariamente é diferença nas práticas de aprendizagem desses termos, pois enquanto a alfabetização vê a leitura e a escrita como habilidades “tecnológicas” a serem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aprendidas, o letramento vê os mesmos como práticas sociais adquiridas. Sobre as diferenças citadas acima, Soares (2010, p. 36) confirmar que:

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser *letrado* [...]. Ou seja: a pessoa que aprender a ler e a escrever – que se torna *alfabetizada* – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna *letrada* – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é *analfabeta* – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é *alfabetizada*, mas não é *letrada*, não vive no estado ou condição de quem sabe ler escrever e pratica a leitura e a escrita (Grifos do autor)

Outra diferença é que os sujeitos apenas alfabetizados não utilizam aquelas competências para intervir no seu meio. Desse modo, os sujeitos letrados recebem influências do seu meio e também o influenciam, e isso como afirma Soares (2010, p. 37): “[...] socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é mais a mesma de quando era analfabeta ou iletrada”. E como produto dessas práticas teremos sujeitos alfabetizados e/ou letrados, se consubstanciando outra diferença, tendo em vista que aqueles sabem apenas ler e escrever (decodificar), e esses sabem ler, escrever e praticar socialmente essas habilidades.

Além disso, devemos salientar que, geralmente, os indivíduos alfabetizadas não são letrados, e os letrados não são alfabetizadas. Isso ocorre porque na maioria das vezes os sujeitos entendem letramento e alfabetização como duas práticas totalmente separadas, criando, assim, uma visão errônea sobre esses conceitos. Refletindo sobre isso, Soares (2010, p. 47) afirma que diante dessa possibilidade: “[...] teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever nos contextos das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado* e *letrado*.” (Grifos do autor). Assim, tendo em vista a discussão feita sobre letramento e alfabetização, vamos agora nos deter ao letramento e falar mais especificamente sobre tal termo considerando-o, de certa forma, novo na educação brasileira.

3 DUAS VERTENTES DO LETRAMENTO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Exposto brevemente aqueles conceitos, agora discutiremos as perspectivas para letramento enquanto prática escolar e social. No *Letramento escolar* o objetivo é transmitir o conteúdo de forma sistematizada (alfabetização), enquanto ao *Letramento Social* podem ser compreendidas como práticas definidas pelo contexto social do indivíduo, onde ele adquirirá valores que serão transparecidos na sua identidade como leitor e escritor. Falando mais especificamente sobre o Letramento escolar Kleiman (2008, p. 20) diz:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção da escola. (Grifos do autor)

O *Letramento Escolar* é praticado de forma pragmática e estática, com o objetivo de fazer o sujeito aprender apenas a decodificação de letras e números. No entanto, as práticas escolares de letramento deveriam ser pautadas em modelos de práticas sociais. Essa forma de ensino desprestigia o contato pessoal do sujeito com a língua enquanto instrumento de interação.

Já o Letramento Social se baseia em práticas do uso da linguagem como forma de interação, associando letramento que já foi adquirido no convívio com a língua aprendida na sala de aula. Quanto a isso, Kleiman (2008, p. 21) diz que “as práticas de letramento, [...], são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida.”. Desse modo, o sujeito será influenciado pelo meio social em que está inserido, resultando na sua formação de suas competências leitura, escrita e oralidade. Assim, Letramento social e oralidade são inerentes, visto que a base para aquele se constrói nesse.

Essas duas vertentes de letramento são distintas, desse modo, ambos divergem nas execuções, porém são interdependentes. Podemos assim, considerar que o letramento social deve servir de base para o escolar, tendo em vista que o sujeito quando previamente letrado em casa de forma natural, por apreensão, tem maior facilidade de se adaptar ao letramento executado na escola, visto que o mesmo se assemelha com a alfabetização. Corroborando com isso, Rojo (2008, p. 70) diz que: “[...] é o modo de participação da criança, ainda na oralidade, nestas práticas de leitura/escritura [...] que lhe permite construir uma relação com a escrita como prática discursiva e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como objeto”, ou seja, a criança que entra em contato com o letramento primeiro na oralidade terá uma melhor assimilação do texto como objeto da prática discursiva, de interação.

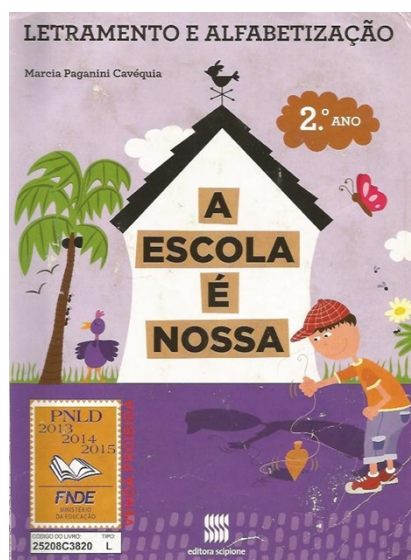
4 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: ASPECTOS DE HARMONIA

Baseando-nos no que foi compreendido acerca das discussões feitas, agora analisamos partes do livro “*A escola é nossa*” cuja autoria já foi citada. Nossa análise, está firmada em três pontos chave: primeiramente a capa, visto que ela faz alusão ao conteúdo que é trabalho nesse livro; a apresentação, pois é a parte do livro onde é anunciado o que é trabalho; e por último o sumário, parte que contém os conteúdos.

4.1 Capa

Iniciamos nossas análises pela capa, pois é o local da primeira apresentação e onde é exposta de maneira bem sucinta a proposta do livro.

Figura 1 – Capa



Fonte: CAVÉQUIA, 2011.

Conforme Kleiman (2008) o Letramento como prática social inicia-se no entorno familiar. Podemos perceber que a capa do livro faz alusão a essa concepção, visto que o título *A escola é*



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

nossa está exposto dentro da figura de uma casa. Sendo criada a imagem de que *a escola é nossa casa*, trazendo assim sentido de que a mesma é aconchegante tanto quanto o lar da criança. Retomando a questão do letramento social, ou seja, nessa alusão implica dizer que escola está a favor do letramento iniciado pela família e que daria assim continuidade para tal atividade. Porém, com o que foi discutido aqui, vimos que a escola visa a parte estrutural do letramento e não a prática social em si.

Sobre isso Kleiman (2008, p. 45) afirma que:

Segundo essa mesma concepção de letramento [escolar], que analisa a escrita como objeto, o ensino teria como objetivo iniciar – e avançar em – um processo que culminaria na produção de um objeto [texto escrito] já definido de antemão pelas suas diferenças formais com o texto oral. (Grifo nosso)

Desse modo, se contrapondo com realidade, vemos que implicitamente a capa é usada como um recurso em favor da união entre escola e casa, mais especificamente letramento social e escolar, ou seja, a proposta do livro é fazer uma ponte entre a interação promovida em casa (oralidade), e a interação promovida na escola (texto).

4.2 Apresentação

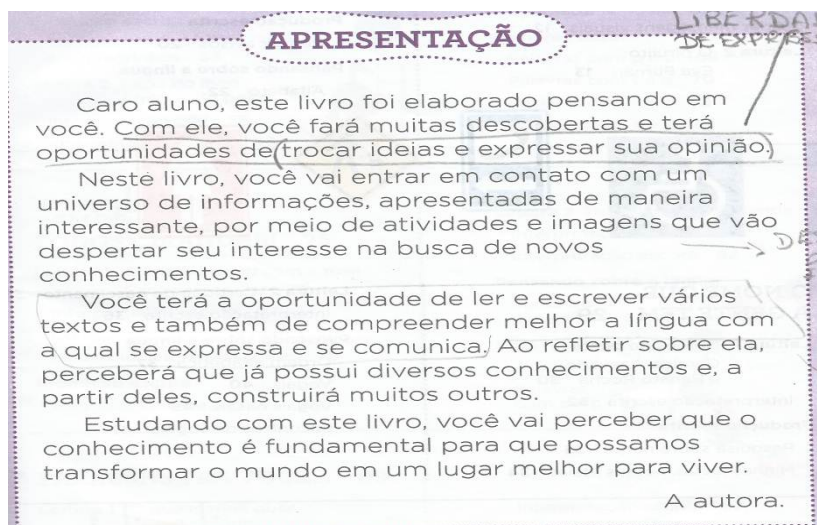
A apresentação é, basicamente, um resumo dos conteúdos e da proposta do livro. Desse modo iremos analisá-la a fim de buscar elementos que sustentem a proposta vista na capa, a de interação entre letramento social e escolar

Figura 2 – Apresentação



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Fonte: CAVÉQUIA, 2011.

Percebemos no primeiro parágrafo que a autora procura incentivar o aluno a expressar suas opiniões quando diz que: *Com ele, você fará muitas descobertas e terá oportunidades de trocar ideias e expressar sua opinião.* A autora cria no aluno uma expectativa de que a escola vai aceitar seus pensamentos dando-lhe liberdade de expressão no contexto escolar.

No parágrafo seguinte ela desperta a atenção do aluno quando diz que: *Neste livro, você vai entrar em contato com um universo de informações, apresentadas de maneira interessante, por meio de atividades e imagens que vão despertar seu interesse na busca de novos conhecimentos.* Aqui a autora argumenta com intenção de relatar ao aluno os benefícios que o livro trará para vida escolar e em como pode ser prazeroso estudar.

No terceiro parágrafo, a autora vai então enfocar um dos principais objetivos desse livro: *Você terá a oportunidade de ler e escrever vários textos e também de compreender melhor a língua com a qual se expressa e se comunica. Ao refletir sobre ela, perceberá que você já possui diversos conhecimentos e, a partir deles, construirá muitos outros.* Ou seja, a autora diz que o aluno poderá ler e escrever para que compreenda os diversos usos da língua, visto que ele já a conhece na modalidade oral.

Podemos inferir que a apresentação segue a mesma proposta da capa, dar continuidade ao letramento já iniciado socialmente. Também no terceiro parágrafo podemos perceber que a autora organiza o livro pautado na concepção de que a língua tem como principal função interação. Sobre



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

isso Travaglia (2009, p.23) nos diz que: “A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em contexto sócio- histórico e ideológico.” Para isso então, seria necessário desenvolver nesse aluno a *competência comunicativa* que quer dizer: “[...] a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2009, p.17). Podemos então inferir que com esse livro busca-se alfabetizar e letrar o aluno, pautando-se na concepção de língua como interação, pois para a manutenção da proposta inicial se faz necessária à interação entre oralidade e escrita.

4.3 Sumário

Refinando nossas análises, agora, faremos uma comparação entre os conteúdos dos capítulos 1 e 2 do livro que está exposto de forma sucinta no sumário, a fim de percebermos se a alfabetização e o letramento são trabalhados de forma harmônica.

Figura 3 – Sumário.

SUMÁRIO	
1 COMUNIQUE-SE 9	
Leitura 1 Pictogramas 10	
Interpretação oral 11	
Produção não verbal	
Criar mensagens visuais 12	
Leitura 2 O pirulito	
Eva Furnari 13	
	Interpretação oral 15
	Interpretação escrita 16
	Leitura 3 Placas e cartazes 18
	Interpretação oral 19
	Produção escrita
	Redigir avisos 20
	Pensando sobre a língua
	Alfabeto 22

Fonte: CAVÉQUIA, 2011.

Ao observarmos a maneira como o capítulo 1 é exposto, percebermos que há sim a harmonia entre alfabetização e letramento, visto que mesmo segue uma sequência:



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Leitura 1

Interpretação oral

Produção não verbal

Criar imagens visuais

Leitura 2

Interpretação oral

Interpretação escrita

Leitura 3

Interpretação oral

Produção escrita

Redigir avisos

Pensando sobre a língua

Alfabeto

Podemos inferir então, que o letramento e a alfabetização estão dispostos de forma intercalada, visto que em algumas leituras a interpretação é oral e em outras é escrita, isto é, a forma oral se refere mais ao letramento, a prática social, e a forma escrita refere-se ao letramento escolar ou alfabetização, texto como objeto. Desse modo, intercalando as atividades, a autora pode trabalhar o letramento, a alfabetização e a interação, criando no aluno a competência para realizar as mesmas atividades tanto de forma separada como em conjunto.

Figura 4 – Capítulo 2 (sumário)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

2 O NOME QUE A GENTE TEM 29	Leitura 2 Certidão de nascimento 35
Leitura 1 Nomes de gente Geraldo Azevedo e Renato Rocha 30	Interpretação escrita 36
Interpretação escrita 32	Pensando sobre a língua
Produção escrita	Ordem alfabética 37
Pesquisa sobre nome 33	Vogais 40
Minhas ideias, nossas ideias 34	Vogais nasais 45
	Encontros de vogais 47

Fonte: CAVÉQUIA, 2011

Ao observarmos o capítulo 2 percebemos, no entanto, certa diferença em relação ao primeiro, visto que suas atividades estão mais relacionadas a alfabetização em favor da aprendizagem do código, ou seja, nesse capítulo a autora busca centrar a atenção no código, para que o aluno que já interagiu de forma oral no capítulo 1, possa agora praticar a escrita dando continuidade a proposta do livro.

Pondo em comparação os dois capítulos, vemos que há uma harmonia entre letramento e alfabetização, pois eles são postos intercaladamente, tanto dentro do mesmo capítulo (exemplo o 1) como entre os capítulos, visto que o capítulo 2 trabalha mais a alfabetização e o 1 mais o letramento. Assim, podemos considerar que o livro segue um padrão visto que isso se repete ao longo dele. Desse modo, vemos esse livro como um bom instrumento para por em prática aquilo que acreditamos que é o mais adequado quanto aos sujeitos, *alfabetizar letrando*.

CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo identificar no livro didático as práticas de letramento e alfabetização, com intuito de percebermos suas abordagens. Com o nosso referencial teórico percebemos que essas abordagens têm significações que divergem na execução, mas que não podem e não devem ser separados, pois uma complementa a função do outra.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O que fizemos foi buscar compreender esses conceitos, foi percebido que a alfabetização por si só não basta, sendo necessário um complemento que se distancie do mecanicismo, e se aproxime de práticas sociais. Ao discutirmos letramento social e letramento escolar, vimos que eles são imprescindíveis a formação do indivíduo, pois a primeira forma de letramento que o sujeito conhece é aquela que é aprendida no seu meio social, e quando este é bem aproveitado na escola, o aprendizado será produtivo.

Ao analisarmos o livro “*A escola é nossa*”, percebemos que algumas práticas estão sendo aperfeiçoadas, isso verificado em nosso *corpus*, visto que visa não só a alfabetização, mas também o letramento. Podemos considerar que o livro de Marcia Paganini Cavéquia é um bom instrumento para trabalhar as abordagens aqui analisadas, pois o mesmo as contempla, e assim *alfabetizando e letrando* o aluno/criança/sujeito para que o mesmo mude seu estado ou condição social perante a sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVÉQUIA, Marcia Paganini. **A escola é nossa**: letramento e alfabetização, 2.º ano. São Paulo: Scipione, 2011. – (Coleção a escola é nossa)

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Concepções não valorizadas de escrita: a escrita como “um novo modo de falar”. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 128 p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Uma proposta para o ensino de gramática**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.